

A concepção do espaço geográfico na perspectiva da tradição Yorùbá: a cosmovisão africana enquanto expoente da construção do espaço

Henrique Pereira Almeida dos Santos

✉ jhamallhenrique@gmail.com

Matheus Anézio Pereira Gusmão

✉ matheus_gusmao@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho propõe o reconhecimento e resgate das categorias do espaço geográfico africano, especificamente pautando uma matriz africano centrada, na perspectiva yorùbá. Nesse sentido, buscamos inicialmente fazer uma análise de como o conceito de espaço geográfico foi discutido e construído dentro da filosofia europeia, que parte de uma visão destacada neste trabalho como objetivista, para a seguir almejar uma nova proposição deste conceito partindo da cosmogonia africana visando explorar as potencialidades dessas filosofias e experiências para contribuir para a criação de novos conceitos ou a resignificação de conceitos eurocêntricos trabalhados dentro da ciência geográfica. A metodologia utilizada baseou-se em leituras de artigos científicos, dissertações, teses de doutorado e obras literárias. Além disso, também buscamos utilizar método afrocentrado que, segundo Molefi Kete Asante (2009, p.4), seria uma “perspectiva filosófica associada com a descoberta, localização e realização da agência africana dentro do contexto de história e cultura. Agência significa que toda ação tem de ser fundamentada em experiências africanas”.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: espaço geográfico, cosmovisão, yorubá, afrocentricidade, geografia da África.

Introdução

Temos atualmente a deslegitimação histórica dos trabalhos escritos por autores africanos, embora, por inúmeros motivos, ao longo dos tempos, os povos africanos tenham realizado diversas diásporas responsáveis pela disseminação de conhecimentos, técnicas (agricultura, pecuária), culturas e pela construção das primeiras civilizações, a exemplos de Kemet e Kush. Ora, atualmente há inúmeras produções acadêmicas que abordam toda a importância de pensadores africanos, como Cheikh Anta Diop, nos estudos que enfatizam as raízes negras africanas do antigo Egito, Estado que durante muitos anos foi considerado inclusive como não pertencente ao continente africano.

Posto isso, consideramos esta breve introdução acerca da origem e da dispersão dos africanos e as suas devidas contribuições técnicas, culturais e intelectuais para a formação de povos e civilizações de extrema importância devido ao fato da negação que tem se dado ao longo dos anos aos modos de se pensar africano centrados. Como exemplo, temos no Brasil o não reconhecimento da filosofia africana enquanto ciência.

Dessa forma, a partir do que Moore (2010) acredita, ou seja, de que os povos africanos (originários ou diaspóricos) não somente deverão defender os seus próprios interesses nos novos contextos nacionais que são os seus, mas também estarão compelidos, política e moralmente, a defender, os interesses dos povos africanos expressos através de suas próprias reivindicações e à luz das contribuições dadas por intelectuais africanos e afro diaspóricos que buscam a pesquisa, o resgate e a disseminação dos modos de se pensar africano centrados, isto é, pautados nas perspectivas, filosofias e ancestralidades desses povos que foram dizimados durante os processos colonizadores, tais como Cheikh Anta Diop, Molefi Kete Asante, Frantz Fanon, Carlos Moore, Renato Nogueira, Marimba Ani, José Beniste, Aza Njeri e Katuscia Ribeiro, este trabalho almeja novas reflexões acerca de epistemologias e dos conceitos elaborados pela ciência europeia, enfocando na elaboração do conceito de espaço geográfico trabalhado no seio da geografia enquanto ciência.

Única e universalizante: a construção da filosofia europeia a partir da negação do outro

Consideramos que epistemologias europeias estabeleceram-se a partir da fundamentação teórica da negação do outro, como afirmava Hegel¹, o que Fanon

1 De acordo com o autor “[a África] não é parte da história do mundo; não tem movimento ou desenvolvimento para exibir (...) O que nós propriamente entendemos por África é o Não Histórico, Não Desenvolvido Espírito (...)” (HEGEL, 1999, p. 88, apud MOORE, 2010, p. 35-36)

(1980), citado por Faustino (2018), denomina racismo², assim como destituindo estes de sua humanidade (FANON, 2008). Ademais, segundo Moore (2007), a construção e hegemonização de um pensamento universal e universalizante está pautada também na elaboração de literaturas animalizando o outro, inferiorizando-o perante o colonizador ao passo da exaltação de suas culturas, conquistas, artes. Como exemplo, Engels afirmava e enfatizava a importância da conquista americana sobre o México. Segundo o autor, os mexicanos deveriam valorizar a oportunidade de ficarem sob tutela dos americanos, pelo fato de que estes, de acordo com o intelectual alemão, possuíam as bases do desenvolvimento histórico. Vejamos o que ele diz:

(...) Fomos espectadores da conquista do México e nos regozijamos com ela. É um progresso que um país que, até agora estava preocupado exclusivamente consigo mesmo (...) e alheio a qualquer desenvolvimento... tenha sido impulsionado, por meio de violência, ao desenvolvimento histórico. É do interesse de seu próprio desenvolvimento que ele seja, no futuro, colocado sob tutela dos Estados Unidos.³ (MOORE, 2010, p. 74)

Não obstante, Vidal de La Blache, intelectual francês responsável por grandes contribuições no que tange aos estudos referentes a epistemologia da geografia, em seu famoso livro *Princípios de Geografia Humana* (1954) ajudou a construir uma ideologia por parte dos Estados europeus de modo a afirmarem sua “superioridade” e legitimarem o imperialismo — processo este responsável por dizimar e escravizar milhares de africanos — através de um discurso baseado na glorificação da colonização como um trabalho de transformação e conserto do homem.

Ribeiro e Njeri (2019) por sua vez, abordam o conceito de epistemicídio, isto é, a negação da cultura e dos modos africanos de se pensar em razão da hegemonização verticalizada do pensamento europeu. Ora, se foi possível o enaltecimento da cultura e dos conhecimentos gregos, por exemplo, este concretizou-se em boa parte devido ao contato e posteriormente subjugoamento aplicado que estes tiveram com os povos negros do Egito Antigo (Kemet), que dominavam técnicas de medicina, astronomia, matemática, etc. e que foram repassadas aos gregos, como afirma Carlos Moore, citando o intelectual senegalês Cheikh Anta Diop:

2 Para o autor, enquanto algo cultural o racismo “ não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo [...] Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizadas” (FANON, 1980, p. 37-38 apud FAUSTINO, 2018, p. 87)

3 Este trecho foi retirado e traduzido por Moore (2010) a partir da obra de Beyhaut (1964), que por sua vez, retirou os escritos de Marx e Engels (1976).

(...) os negros que haviam monopolizado o conhecimento técnico, cultural e industrial até então. As outras raças tinham que modelar seu desenvolvimento tecnológico, cultural e religioso segundo a tecnologia, a ciência, a cultura e a arte egípcias. Os Gregos foram forçados a vir humildemente e beber na fonte da cultura egípcia. Por conseguinte, naquela época, o respeito devido ao homem negro era imenso. (DIOP, 1976, p. 386 apud MOORE, 2010, p. 164)

Além disso, a filosofia europeia se tornou hegemônica a partir da idealização e disseminação de um modelo civilizacional e de ser humano calcado em valores europeus construídos intencionalmente sobretudo no dito período conhecido como iluminismo, como afirma Silvio Luiz de Almeida:

A novidade do iluminismo é o conhecimento que se funda na observação do homem em suas múltiplas *facetas* e *diferenças* “enquanto ser vivo (biologia), que trabalha (economia), pensa (psicologia) e fala (linguística). (ALMEIDA, 2019, p. 26, *itálico do autor*)

Assim, em meio a todo o processo violento ao qual os africanos⁴ estiveram submetidos durante centenas de anos, no qual foram agressivamente explorados, saqueados e subjugados perante o colonizado e tendo seus modos de vida apagados floresceu e se disseminou o ideal europeu de civilidade.

A filosofia europeia e sua influência na elaboração e utilização do conceito de espaço geográfico

Como nos traz Côrrea (1995), a geografia, como toda ciência, possui alguns conceitos-chave capazes de sintetizar a sua objetivação, ou seja, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, sendo este ângulo o conferidor da identidade à geografia e também a sua relativa autonomia no âmbito das ciências sociais.

Assim, refletindo a partir de uma visão europeia da natureza enquanto recurso este trabalho busca debruçar-se na análise do conceito de espaço geográfico a partir de alguns pensadores que partem dessa filosofia em que o meio natural serve-se para satisfazer suas necessidades, propomos o reconhecimento e resgate das categorias do espaço geográfico africano e especificamente pautando uma matriz africano centrada, na perspectiva yorùbá⁵.

4 Embora outros povos também tenham sido colonizados, este trabalho tem como foco o processo colonial praticado pelos europeus para com os povos africanos.

5 “Denominação generalizada de um povo que habita a atual região africana da Nigéria. Era denominação reservada aos povos de Òyó e que, gradualmente, estendeu-se até cobrir todos os povos do mesmo tronco, que agora são conhecidos como o povo de fala yorùbá.”(BENISTE, 2009, p.816)

Segundo Marimba Ani (1994), o pensamento europeu é pautado no controle assim como no poder não só da natureza, mas também dos outros povos. De acordo com a autora,

O “homem racional”, em termos Europeus, é acima de tudo a pessoa que controla suas paixões. Ele toma decisões — escolhas baseadas na razão — a guia adequada e invulnerável. Estar no controle de si mesmo coloca-o em melhor posição para manipular e controlar os outros — aqueles que são irracionais ou pelo menos racionais. Ele tem poder sobre os outros em virtude de seu racionalismo. (Ani, 1994, p. 239)

Os estudos de Nah Dove (1995) também nos mostram como essa ideia de racionalidade está intrinsecamente ligada a um conceito característico do homem europeu: o nacionalismo branco. Segundo a autora, o nacionalismo branco seria a “característica racista e xenófoba da unidade cultural colectiva europeia” (p.3). Ao refletirmos sobre o racismo citado pela autora a partir da análise de Diop (1982) o choque entre povos brancos e não brancos e a visão do europeu a partir do africano enquanto submisso e incivilizado também estaria relacionada a um tensionamento proveniente da visão com que o africano tinha acerca da natureza, sendo esta não somente recurso, mas sim parte de um todo proveniente de uma cosmovisão e na qual este mesmo povo também estaria inserido, visão esta que diferenciava daquela utilizada pelo europeu, já visualizando o meio natural apenas como recurso.

Dito isso, podemos refletir sobre como o europeu a partir da ideia de homem universal proveniente do pensamento grego e do racionalismo oriundo do iluminismo, como nos traz os estudos de Almeida (2019), estabeleceu-se como sendo criador e controlador de seu próprio destino (ANI, 1994), além de colocar-se como superior aos outros povos. Neste sentido emerge a possibilidade de imaginarmos como este homem racional posicionou-se de forma a não visualizar a natureza como parte de si e que é visto na filosofia africana, como explicaremos a seguir, mas sim como recurso e sendo isto pode ser controlada, modificada ou exterminada. Oliveira (2015, p. 180) fazendo referência a Woodward (2004) afirma que a

invenção da identidade europeia através de discursos, representações, sistemas de classificações e significados posicionou os “africanos” de forma desigual. Logo, produziu-se uma colonização da identidade das distintas experiências territoriais da África, através da negação da diversidade e das diferentes experiências tempo-espaço.

Essa colonização da identidade das inúmeras e diferentes experiências territoriais da África foi seguida de um epistemicídio africano, ou seja, uma tentativa de apagar as formas de se pensar africano-referenciadas.

Nesse sentido, e refletindo sobre o fato de esse pensamento racional e objetivista⁶ da natureza ser disseminado ao longo do tempo por ciências (e nisto enquadra-se também a geografia) e pensadores, podemos analisar a perspectiva dos geógrafos Harvey (2011)⁷ e de Isnard (1978)⁸ ao se debruçarem sobre a relação do homem para com a natureza.

Para podermos fazer uma análise crítica de uma filosofia europeia que parte da natureza principalmente enquanto matéria-prima, cremos ser importante trazer outras perspectivas que tratam o meio natural não entendendo a natureza somente de forma exploratória, mas também enquanto parte de si em um todo complexo. Posto isso, Beniste (2016) afirma que o mundo sagrado é um mundo independente. O homem nada entende ou realiza sem sentir ou estar localizado a partir de uma definição pessoal; esta noção do espaço entra em conflito com os pensadores que creditam ao mesmo noções baseadas no antropocentrismo europeu que separam o humano da natureza (objeto) e conseqüentemente a desvinculação espiritual e mais subjetiva características que perpassam os diversos rituais das comunidades tradicionais africanas.

Retomando a análise a partir da perspectiva trabalhada por Isnard (1978) ao abordar a categoria espaço geográfico, podemos refletir acerca do fato de que o homem se utiliza do espaço desde os tempos antigos através de técnicas que iriam desde o empirismo — chamado por Milton Santos de meio técnico — até o meio técnico científico e posteriormente meio técnico científico e informacional, trabalhado em diversas obras do geógrafo e pensador Milton Santos, tais como a *Natureza do Espaço* (1996) e *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI* (2001) entre outras. No entanto, segundo Isnard (1978) o uso do espaço está

6 Objetivista no sentido de ver a natureza enquanto objeto passível de controle e exploração, não em outra perspectiva que abrange este recurso enquanto parte de si.

7 Em “O Enigma do Capital e as Crises do Capitalismo”, escrito em 2011, David Harvey reflete sobre como o homem altera destrói a natureza para implementar sua ordem a partir das demandas presentes no sistema capitalista, no que ele denomina de “Destruição Criativa da Terra”.

8 Em “O espaço geográfico”, Isnard (1978) nos traz que este conceito é definido a partir do uso da natureza pelo homem, o que antes era espaço natural, atualmente é chamado espaço geográfico. “O homem está dentro da natureza, onde introduziu sua desordem para instaurar sua ordem.” (p. 5) Logo, o autor discorda do que alguns afirmam: a geografia não é o estudo das relações entre o homem e o meio. Para Isnard, o “homem é quem tem a iniciativa” (p. 6) e que o objeto de estudo da geografia é a “organização do espaço pelo homem.” (p. 6)

diretamente relacionado ao desenvolvimento da sociedade. Por exemplo, esta — a sociedade — gera o Estado a partir do momento em que é necessário se organizar e obter o controle do espaço. O Estado por sua vez, adquire uma capacidade gestora que foge de seu comando mediante crescimento descontrolado da população. Nessa dinâmica, então, a iniciativa privada se apropria do espaço segregado pelo Estado e o utiliza através principalmente da especulação imobiliária. A desigual utilização do espaço cria as favelas, periferias, espaços segregados e privilegiados; como diria Isnard (1978, p. 13), a “degradação [do espaço] resulta da introdução de uma inovação geradora de desordem.”

A filosofia africana e a construção do espaço cosmogônico africano

Neste trabalho faremos uso do método afrocentrado cunhado por Molefi Kete Asante que propõe o renascimento científico e cultural africano, de forma que as pessoas negras no mundo possam se referenciar mentalmente a partir de seu próprio berço civilizatório⁹ para Asante (2014, p. 4) “a afrocentricidade é uma perspectiva filosófica associada com a descoberta, localização e realização da agência africana dentro do contexto de história e cultura. Agência significa que toda ação tem de ser fundamentada em experiências africanas”.

Entendendo a necessidade da agência africana proposta pela teoria da Afrocentricidade, compreendendo as inúmeras problemáticas acerca das definições europeias e eurodescendentes do espaço geográfico e as contradições com a visão de mundo africana a partir do método afrocentrado, este trabalho propõe a necessidade da autodefinição exclamada por Cleonora Hudson na construção do conceito “Nommo”. Ao povo africano há muito tem sido negada a autoridade de não apenas nomear a si mesmo mas, além disso, de se autodefinir, como inferido pela narradora de Amada, da ganhadora do prêmio Nobel Toni Morrison: “As definições pertenciam aos definidores, não aos definidos”. “Agora é da maior importância que tomemos controle sobre esses fatores determinantes de nossas vidas, se esperamos evitar a degradação, o isolamento e a aniquilação em um mundo de ganância, violência e pandemônio.” (WEENS, 1998, p. 2)

Dada a importância da autodefinição reivindicada por Weens (1998) enquanto ação a fim de garantir a sobrevivência do povo africano e de sua diáspora somado ao resgate cultural e das experiências africanas, suas formas de existência no mundo e para fazer ponte do pensamento filosófico africano do espaço e da manifestação do “Ser”, é imprescindível dialogar com os signos, simbologias,

9 Objeto de estudo que procura comparar as características divergentes entre os berços das civilizações setentrionais (Europa) e Meridionais (África) (DIOP, 2014).

princípios e filosofias africanas que, segundo Diop (2014), constroem o Berço Meridional. Para tal observamos a contribuição sobre a filosofia Ubuntu¹⁰:

(...) *ubu* evoca a ideia do Ser, entendido de um modo dinâmico, integral, anterior às manifestações particulares ou do modo de existência. O termo *ntu* indica toda manifestação particular, os modos distintos de existência. Vale destacar que *ubu* está invariavelmente orientado para *ntu*. Ou seja, na acepção de ubuntu toda a realidade está integrada. (NOGUEIRA, 2012, p.148)

Apesar de sua origem bantufona¹¹, o conceito filosófico de ubuntu se relaciona com as práticas e tradições de diferentes etnias africanas e comunidades afro-diaspóricas como a total complementaridade, integração e conexão estruturam filosofias como propõe a obra “A Unidade Cultural da África Negra” de Cheikh Anta Diop, que deságua na compreensão e do desenvolvimento da noção do espaço geográfico africano enquanto espaço da total conectividade e da manutenção da vida, portanto sagrado, tanto quanto a natureza e o homem, inerentes aos ciclos e vistos sobre uma única ótica, espiral ou espiritual.

Partindo das relações dadas nos modos de existência de inúmeras comunidades africanas podemos compreender a noção de “espírito” com base no exemplo e significado dado pelo povo Dagara¹², que compõem o grupo etno-linguístico “Kru” juntamente à etnia yorubana.

Quando povos tribais falam de espírito, estão, basicamente, referindo-se à força vital que há em tudo (...) Espírito é a energia que nos ajuda a nos unir (...) Também nos ajuda nos rituais e na conexão com os nossos ancestrais. (SOMÉ, 2003, p. 26)

A filósofa de Burkina-Fasso Sobonfu Somé e membra da comunidade Dagara aborda o conceito de espírito enquanto energia que move a dinâmica das relações do homem com o espaço, logo, o espírito pode se manifestar através dos ciclos das rochas, água, nas árvores, animais, solo, mas também no corpo e psiquê humana como resultado de sua relação intrínseca ao espaço.

Os yorùbás, através de sua Ciência Espiritual “Ifá”, sistematizaram suas relações com o mundo espiritual através de sua relação espacial, o sedentarismo pioneiramente africano abordado por Moore somado às experiências das comunidades tradicionais africanas nos aponta a dependente relação de fixação populacional no espaço sacralizado onde se prestam rituais, altares e assentamentos:

10 Pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, umuntu ngumuntu” (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) (NOGUEIRA, 2012, p.148).

11 Línguas do grupo familiar linguístico africano Bantu (NOGUEIRA).

12 Grupo étnico da África ocidental.

Nos ritos de oferendas e sacrifícios, os primeiros líquidos são destinados à terra:

Onílè mo júbà o (Senhores da Terra, meus respeitos)

Ìbà Òrìsà (Saudamos os orixás)

Ìbà Onílè (Também saudamos os senhores da terra)

(BENISTE, 2016, p.26)

A partir dos conceitos vistos anteriormente é possível analisarmos também a forma que a tradição yorùbá entende o espaço geográfico:

São duas as denominações que revelam os locais onde se desenvolve todo o processo de existência: o Àiyé indica o mundo físico, habitado por todos os seres, a humanidade em geral, denominados ara àiyé; o Òrun, que é o mundo sobrenatural, habitado pelas divindades. Os Òrìsà, ancestrais e todas as formas de espíritos são denominados de ara òrun. (BENISTE, 1997.p.49)

Logo o Òrun se manifesta enquanto espaço psicológico e do inconsciente, é o espaço sagrado que conecta o mundo físico (Àiyé) a natureza e o mundo dos ancestrais. Na concepção da ciência espiritual Ifá, os Òrìsá's se manifestam enquanto as representações numerológicas, cromatográficas, bromatológicas, fitológicas, geológicas, geográficas, psicológicas etc, personificadas em signos das mais variadas características e divinizadas pelo princípio do “Ser” em sua manifestação pessoal e coletiva. Como exemplo das mais variadas comunidades tradicionais podemos observar a prática a seguir comum em etnias africanas como a yorùbá e em comunidades de matriz africana no Brasil:

Nos ritos de oferendas e sacrifícios, os primeiros líquidos são destinados à terra:

Onílè mo júbà o (Senhores da Terra, meus respeitos)

Ìbà Òrìsà (Saudamos os orixás)

Ìbà Onílè (Também saudamos os senhores da terra)

(BENISTE, 2016, p.26)

Considerações finais

Haja visto as problemáticas das definições do espaço a partir do racionalismo europeu, este trabalho buscou considerar e comparar as divergências entre as definições do espaço europeu ou nórdico na medida de sua contraposição em relação às noções do espaço geográfico do berço meridional, mais especificamente da tradição yorùbá. A separação entre homem e espaço faz jus ao método dicotômico que consubstancia a soberania e a territorialidade, manifestada no caráter cultural do entendimento do espaço enquanto posse, fonte das necessidades de um centro antrópico e superior. A cosmovisão reivindicada neste artigo para a compreensão do espaço na perspectiva africana é inseparável da cultura africana da

ancestralidade e da conectividade dos elementos, do homem, animais, plantas, solo, e as transformações estruturadas pelos ciclos, desastres e a ordem. Òrun - Àiyé é o espaço do sagrado, do acesso, da relação, do subjetivo, mas também do físico e dos seres em todas as suas possibilidades. De forma propositiva, este artigo é fundado alicerçado na invocação da autodefinição do espaço geográfico africano diaspórico, para que o povo preto se localize a partir de seus próprios conceitos e significações.

Referências

- ALMEIDA, S. L. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANI, M.. *Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior*. Trenton: Africa World Press, 1994.
- ASANTE, K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BENISTE, J. *Mitos Yorùbás: o outro lado do conhecimento*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016
- BENISTE, J. *Dicionário Yorubá/Português*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019
- BENISTE, J. *Òrun - Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagò- yorubá entre o céu e a terra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 353 p.
- DIOP, C.A. *A unidade cultural da África Negra. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica*. Reler África, Cafileza Soluções Gráficas, 1982
- DOVE, N. *Uma Crítica Africano-Centrada à Lógica de Marx*. *Jornal Ocidental dos Estudos Negros*, Vol. 19, No. 4, 1995
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. 2ª ed. Salvador. EDUFBA, 2008
- FAUSTINO, D. M. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018. v. 1. 144p
- HARVEY, D. "A destruição criativa da terra". In: _____. *O enigma do Capital e as Crises do Capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ISNARD, H. O espaço geográfico. In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro. No.258/259, jan./dez., 1978, pp.05-17.
- MOORE, C. *O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. 5ª edição, Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.
- MOORE, C. *Racismo & Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para Entender o Racismo*, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *A Matriz Africana no Mundo*. São Paulo, Selo Negro, 2008.
- NJERI, A.; RIBEIRO, K. Mulherismo Africano: práticas na diáspora brasileira. *Currículo sem fronteiras*, v. 19, p. 595-608, 2019.
- NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012.
- OLIVEIRA, D. A. Possibilidades de leitura do continente africano a partir do ensino de geografia: Uma avaliação preliminar dos impactos da lei 10.639/03. In: BEZERRA, A. C. A.; LOPES, J. J. M.; FORTUNA, D. (org.) *Formação de professores de geografia: diversidade, práticas e experiências*. 1ª. ed. Niterói: EDUFF, 2015. v. 500. 298p .
- SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre a maneira de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2003.
- WEEMS, Cleonora Hudson. *Nommo: Autonegação e Autodefinição: Uma agenda para a sobrevivência*. African World Press, 1998.

Sobre os autores

Henrique Pereira Almeida dos Santos: Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Matheus Anézio Pereira Gusmão: Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

* * *

ABSTRACT

The conception of geographical space from the perspective of the Yorubá tradition: african cosmovision as an exponent of space construction

The present work proposes the recognition and rescue of the categories of the African geographic space and specifically guiding an African matrix centered, in the Yorùbá perspective. In this sense, we initially seek to make an analysis of how the concept of geographical space was discussed and built within the European philosophy that starts from a vision highlighted in this work as an objectivist to then aim for a new proposition of this concept starting from the African cosmogony aiming to explore the potentialities that these philosophies and experiences can contribute to the creation of new or re-signification of Eurocentric concepts that are worked within geographic science. The methodology used was based on readings of scientific articles, dissertations, doctoral theses and literary works. In addition, we also seek to use an Afrocentric method that according to Molefi Kete Asante (2009, p.4) would be a "philosophical perspective associated with the discovery, location and realization of the African agency within the context of history and culture. Agency means that every action must be based on African experiences".

KEYWORDS: geographic space, worldview, Yorùbá, africentricity, Africa geography.

RESUMEN

La concepción del espacio geográfico desde la perspectiva de la tradición Yorùbá: la cosmovisión africana como un exponente de la construcción del espacio

El presente trabajo propone el reconocimiento y rescate de las categorías del espacio geográfico africano y guiar específicamente una matriz africana centrada, en la perspectiva de Yorùbá. En este sentido, inicialmente buscamos hacer un análisis de cómo se discutió y construyó el concepto de espacio geográfico dentro de la filosofía europea que parte de una visión destacada en este trabajo como objetivista para luego apuntar a una nueva propuesta de este concepto a partir de la cosmogonía africana con el objetivo de explorar las potencialidades que estas filosofías y experiencias pueden contribuir a la creación de significados nuevos o nuevos de conceptos eurocéntricos que se trabajan dentro de la ciencia geográfica. La metodología utilizada se basó en lecturas de artículos científicos, disertaciones, tesis doctorales y obras literarias. Además, también buscamos utilizar un método afrocéntrico que según Molefi Kete Asante (2009, p.4) sería una "perspectiva filosófica asociada con el descubrimiento, la ubicación y la realización de la agencia africana en el contexto de la historia y la cultura". Agencia significa que cada acción debe basarse en experiencias africanas".

PALABRAS CLAVE: espacio geográfico, cosmovisión, yorùbá, afrocentricidad, geografía de África.